

LARA FRUTOS GONZÁLEZ

OS VERBOS SIMÉTRICOS NO PB

**Monografia apresentada à disciplina
Orientação Monográfica II como requisito
parcial à obtenção do bacharelado em Letras –
Inglês do Setor de Ciências Humanas, Letras e
Artes, Universidade Federal do Paraná.**

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Teresa Cristina
Wachowicz**

CURITIBA

2008

SUMÁRIO

RESUMO	3
1 INTRODUÇÃO	4
2 VERBOS RECÍPROCOS NO PB: UMA QUESTÃO LEXICAL?	8
3 PROPOSTAS DE TRATAMENTO	15
3.1 A FORMA DESCONTÍNUA	15
3.2 A FORMA SIMPLES	18
3.3 RECIPROCIDADE OU SIMETRIA?	21
3.4 UMA NOVA DEFINIÇÃO	23
4 CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

Resumo

Este trabalho pretende analisar os verbos chamados pela literatura (Dowty, 1991; Carlson, 1998) de simétricos. O trabalho de Godoy (2008) será retomado porque traz uma interessante descrição do comportamento argumental desses verbos. Porém, tentarei demonstrar aqui que a reciprocidade, que para a autora é lexical, na verdade se dá composicionalmente. Para explicar o comportamento desses verbos me apoiarei na teoria de proto-papéis temáticos proposta por Dowty (1991). A definição da classe dos simétricos se dará a partir da sua grade temática, portanto. Verbos simétricos serão aqueles que denotarem um evento que necessariamente precise de dois participantes. A esses participantes será atribuído um conjunto simétrico de propriedades acarretadas pelo verbo que contribuem para a atribuição temática. Ou seja, os verbos simétricos terão dois participantes ocupando a posição de proto-agente ou de proto-paciente, que é definida por esse conjunto de propriedade. Além disso, o trabalho procurará evidenciar dois tipos de ambigüidade desses verbos: uma que aparece na forma simples e outra que aparece na sua forma descontínua. Na forma simples haverá a ambigüidade coletiva x distributiva que se aplica à denotação do evento. Na forma descontínua haverá uma ambigüidade em relação à propriedade da volição ou do movimento, que pode ou não caracterizar o argumento interno da construção. Com essas considerações pretende-se dar um tratamento mais adequado ao fenômeno relacionado aos verbos simétricos.

1 Introdução

Este trabalho pretende analisar uma classe de verbos chamados simétricos. Esses verbos têm sido tratados na literatura de diferentes maneiras e sob diferentes perspectivas. O que parece consensual é a identificação de duas formas sintáticas em que aparecem:

- (1) a. Pedro casou com Ana.
b. Ana casou com Pedro.
c. Pedro e Ana casaram.

- (2) a. Pedro bateu em Paulo.
b. Paulou bateu em Pedro.
c. *Pedro e Paulo bateram.

Esses verbos permitem duas estruturas: uma em que os participantes da ação são denotados em pelo argumento externo e pelo argumento interno (1a), e uma outra em que eles são denotados por um único argumento que ocupa a posição de sujeito. Carlson (1998) propõe ainda que a forma simples em (1c) acarreta as duas formas descontínuas em (1b) e (1c).

Os verbos simétricos têm sido mencionados na literatura principalmente como ponto problematizador de teorias sobre papéis temáticos, principalmente porque aparentemente ferem o Critério Theta, postulado por Chomsky (1981). De acordo com esse postulado cada NP argumento recebe um e exatamente um papel- θ , e um mesmo papel- θ não pode ser atribuído a dois NPs argumento pelo mesmo predicado (Chomsky, 1981, p. 36).

Carlson (1998) aborda a questão dos simétricos para tratar de individuação dos eventos. Para o autor, essas entidades, os papéis temáticos, atuam conceitualmente nessa individuação (p. 35). O autor recupera Bresnan (1982, *apud* Carlson, 1998, p. 36), que resume o padrão canônico de atribuição dos papéis temáticos para os argumentos da seguinte maneira:

a) Coerência: Nunca dois papéis temáticos diferentes são atribuídos ao mesmo argumento.

b) Completude: A cada argumento é atribuído um papel.

c) Unicidade: A cada argumento do verbo é atribuído apenas um papel (em relação aos outros argumentos do mesmo verbo).

Os verbos simétricos são escolhidos para a discussão por Carlson justamente porque oferecem um problema a essa teoria. Apesar de a listagem dos diferentes tipos possíveis de papéis temáticos ainda não ter sido feita, esse padrão parece se aplicar à maioria dos casos. Os predicados simétricos, no entanto, oferecem um certo tipo de obstáculo à teoria, pois aparentemente ferem o padrão “c”, ou seja, a propriedade da unicidade, que prevê que cada argumento pode receber apenas um papel temático. Por exemplo:

(3) Pedro e Ana (se) casaram.

Nesse caso, tanto Pedro quanto Maria podem receber o papel temático de agente ou de paciente do evento de casar. Logo, isso aponta para o fato de que o padrão descrito em “c” é falso. Porém, Carlson defende que esse padrão se sustenta se pensarmos que em (3) temos não um, mas dois eventos. Então, existe um evento em que Ana casou com Pedro e um outro em que Pedro casou com Ana; para cada agente há um evento. Isso pode se resumir no que ele chama de “slogan”: “dois agentes, dois eventos!” (Carlson, 1998, p. 40).

Com essa resposta, Carlson quer encerrar o questionamento sobre a relevância do estudo dos papéis temáticos, afirmando que eles são uma importante ferramenta conceitual na contagem e individuação dos eventos.

Dowty (1991) trata dos simétricos para discutir sua proposta de uma noção “fuzzy” de papéis temáticos. Segundo ele, os simétricos oferecem um problema à teoria clássica que só pode ser resolvido a partir dessa noção “fuzzy”.

Dowty (1991) propõe apenas dois proto-papéis, que dariam conta de explicar eficientemente a seleção argumental: o proto-papel de agente e o proto-papel de paciente. O autor postula cinco propriedades que se aplicam a cada um desses proto-papéis. Essas propriedades definem o tipo de papel temático que se atribui ao argumento.

Na seção seguinte do trabalho tratarei mais detalhadamente da proposta de Dowty para o tratamento dos verbos simétricos com o objetivo de elucidar as análises aqui propostas. Por ora, busquei apenas relatar a maneira como os verbos simétricos aparecem como ponto de problematização para a teoria de papéis temáticos.

Há, no entanto, um conjunto de textos que, ao invés de problematizar a existência dessa possível classe de verbos no interior das discussões sobre os papéis temáticos, situa essa discussão numa perspectiva investigativa que busca explicar a causa do fenômeno e determinar sua natureza: seria ela sintática ou semântica?

O trabalho de Godoy (2008) se assemelha a esse segundo grupo, que enxerga nesse fenômeno um ponto de discussão sobre os limites e alcances da sintaxe e da semântica na definição de comportamentos gramaticais da língua. A proposta do texto diz respeito à existência de uma propriedade lexical, a “reciprocidade”, que determina o funcionamento sintático dos verbos que a possuem. Por isso, seu trabalho não vai discutir os verbos simétricos – chamados por ela de recíprocos – a partir das características de sua grade temática.

Godoy (2008) é o primeiro trabalho a tratar dessas questões a partir de uma perspectiva descritiva no Português Brasileiro (PB). Por isso seu trabalho servirá como ponto de partida para a discussão de alguns pontos neste trabalho. Essa discussão será feita na seção seguinte. Tomarei aqui como referência a descrição do comportamento sintático e a listagem desses verbos, elaborados em sua pesquisa, porém irei propor um tratamento teórico diferente, apoiado na teoria de papéis temáticos proposta por Dowty (1991).

Como Dowty (1991) trabalha com uma teoria de papéis temáticos que explica apenas o comportamento dos verbos agentivos, deixarei de lado verbos

como “coexistir”, “concordar”, “convergir”, “contrastar”, e ainda predicados como “ser igual a”, “ser irmão de”, etc. que são estativos.

O estudo desses verbos justifica-se pela falta de um tratamento descritivo que os explique dentro de uma teoria de papéis temáticos. Justifica-se também, porque como foi apresentado aqui, esses verbos tem sido mencionados na literatura como pontos problematizadores de teorias, por terem uma natureza diferente dos outros verbos.

O próximo capítulo do trabalho trata de recuperar as formulações de Godoy (2008) no tratamento dos verbos que ela chama recíprocos. O capítulo 3 irá apresentar a problematização de algumas questões e uma proposta de tratamento e definição dos verbos simétricos pela teoria de Dowty (1991). Esse capítulo traz também a diferença entre reciprocidade e simetria. Por fim, apresento as conclusões das formulações elaboradas aqui, bem como apontamentos para pesquisar futuras – uma vez que este trabalho ainda deixa algumas lacunas no tratamento dos verbos simétricos.

2 Verbos recíprocos no PB: uma questão lexical?

Neste capítulo irei recuperar as formulações de Godoy (2008) sobre os verbos recíprocos, para no capítulo seguinte, a partir da problematização de alguns pontos, propor um novo tratamento teórico para esses verbos.

Na introdução do seu trabalho, a autora define seu objeto de estudo como sendo os verbos lexicalmente recíprocos. Segundo ela, o português expressa reciprocidade de várias formas sintaticamente. Vejamos:

- (4) Pedro beijou Ana e Ana beijou Pedro.
- (5) Pedro e Ana beijaram um o outro.
- (6) Pedro e Ana se beijaram.
- (7) Pedro e Ana discutiram.

A operação em (4) se chama “expressão icônica de reciprocidade” e é universal. (5) apresenta uma construção que se parece com o “each other” do Inglês. (6) apresenta a relação de reciprocidade expressa pela partícula SE. Finalmente em (7), tem-se um caso de reciprocidade que não é dado composicionalmente, mas determinado por uma propriedade lexical do verbo, a reciprocidade.

O segundo capítulo da dissertação traz a teoria de Cançado (2005a) sobre papéis temáticos, considerada pelas autoras como mais fina. Essa teoria é retomada no quarto capítulo a fim de explicar alguns aspectos da alternância simples e descontínua dos verbos recíprocos.

O terceiro capítulo do texto procura definir os recíprocos, e pela sua definição provar que eles constituem uma classe. Godoy (2008) aponta como justificativa para existência de uma classe de verbos recíprocos dois argumentos principais: a) o fato desses verbos permitirem uma alternância entre a forma contínua e descontínua e, b) o fato de a forma contínua acarretar a forma descontínua. Ambos são questionáveis.

O primeiro argumento apresentado pela autora para essa afirmação é a “dupla ocorrência sintática”, numa forma simples (8) e numa forma descontínua (9). Veja os exemplos:

(8) Pedro e Ana transaram.

(9) Pedro transou com Ana.

Godoy (2008) define as duas formas da seguinte maneira:

Na forma simples, os participantes do evento recíproco estão descritos em um só argumento. (...) É importante notar que esse argumento deve sempre ter uma denotação plural. Isso significa que ele deve apontar um conjunto de participantes no mundo ainda que o SN na sentença seja morfossintaticamente singular.” (p. 34)

Os participantes do evento (na forma descontínua) são descritos por dois argumentos – um ocupando uma posição estrutural na sentença e o outro introduzido por uma preposição. (p. 34)

As definições são muito bem construídas e acarretam uma importante consequência para a delimitação do objeto de estudo de sua pesquisa: verbos como *beijar* e *abraçar*, considerados por Dowty (1991) como simétricos, ficam de fora dessa categoria de verbos chamados recíprocos. A diferença entre esses dois conceitos será abordada em seguida.

Conforme havia mencionado acima, a existência da alternância simples / descontínua é para a autora o primeiro argumento que justifica a existência de uma classe de verbos recíprocos. No entanto, a autora ressalva que apenas isso não justifica sua proposição, pois outros verbos também permitem essa alternância sem que isso denote reciprocidade.

(10) Pedro e Ana jantaram.

(11) Pedro jantou com Ana.

Por esse exemplo pode-se perceber que a alternância mencionada acima pode ocorrer com verbos não considerados recíprocos. Em (10), o fato de Pedro e Ana terem jantado não significa que eles jantaram juntos, ou que o evento é

recíproco. Então, para encontrar uma definição que dê conta de excluir esses verbos não-recíprocos, a autora apresenta uma segunda afirmação: a forma simples acarreta as formas descontínuas – definição que aparece já em Carlson (1998).

- (13) a. Pedro e Ana flertaram.
- b. Pedro flertou com Ana.
- c. Ana flertou com Pedro.

Seguindo esse raciocínio, se *Pedro e Ana flertaram* é verdade, é necessariamente verdade que *Pedro flertou com Ana* e *Ana flertou com Pedro*. Com verbos não-recíprocos temos o seguinte, segundo Godoy (2008):

- (14) Pedro e Ana caminharam.
- (15) Pedro caminhou com Ana.
- (16) Ana caminhou com Pedro.

Nesse caso, (14) não acarreta (15) e (16), pois (14) denota apenas que Pedro caminhou e Ana caminhou, não necessariamente juntos. Nos dizeres da autora:

Desse modo, uma construção que se equipara formalmente à construção simples dos verbos recíprocos (em que há um argumento de denotação plural), com verbos não-recíprocos como jantar, mas descreve ou uma soma de participantes em um determinado evento ou uma soma de eventos, mas não uma relação de reciprocidade entre os participantes. (p. 35)

Porém, aqui se apresenta um dos pontos que serão discutidos no capítulo seguinte: não é possível uma interpretação de (13a) que descreva um evento em que Pedro flertou com Jéssica e Ana flertou com Paulo? A resposta é sim. E esse tipo de ambigüidade irá ocorrer com a maior parte dos verbos considerados recíprocos por Godoy. Mas, se entre (13a) e (13b-c) não há acarretamento, o que define o que são os verbos recíprocos? Essa discussão será apresentada a seguir.

O terceiro capítulo do texto apresenta também a descrição das diferentes transitividades possíveis para o que ela chama de verbo recíproco: as construções intransitivas, as construções transitivas e as construções com o clítico SE.

O primeiro grupo de verbos apresentados são os verbos recíprocos intransitivos, que são intransitivos na sua forma simples. Exemplos:

(17) a. Pedro e Ana lutaram.

b. Pedro lutou com Ana

(18) a. Pedro e Ana noivaram.

b. Pedro noivou com Ana.

(19) a. Pedro e Ana cochicharam.

b. Pedro cochichou com Ana.

O segundo grupo de verbos, os verbos recíprocos transitivos, possui dois subgrupos: os que denotam reciprocidade no argumento externo, como em (20) e os que denotam reciprocidade no argumento interno, como em (21).

(20) a. Pedro e Ana comentaram a festa.

b. Pedro comentou a festa com Ana.

(21) a. Ana juntou o leite e a farinha.

b. Ana juntou o leite com a farinha.

Os verbos que denotam reciprocidade no argumento interno podem aparecer ainda numa segunda configuração, em construções que utilizam o clítico SE, uma forma derivada intransitiva. São chamadas construções reduzidas. Esse grupo também se subdivide em dois: as construções reduzidas que apresentam a alternância causativo-ergativa e as construções médias. As construções reduzidas são assim chamadas por se acreditar que há a redução de um argumento na sentença, substituindo-o pelo SE, ou seja, “a partir de estrutura argumental

original, forma-se uma construção com um argumento a menos” (Godoy, 2008, p. 43)

As construções com alternância causativo-ergativa são formadas por verbos causativos, em que, “no processo de ergativização, o argumento externo é apagado e o argumento interno é alçado para a posição de sujeito, alterando a perspectiva causal do evento para uma perspectiva processual” (Godoy, 2008, p. 43). Essas construções estão representadas nos exemplos a seguir:

(22) a. A blusa e o botão se desprenderam.

b. O botão se desprende da blusa.

(23) a. O guaraná e o vinho se misturaram.

b. O guaraná se misturou com o vinho.

A construção média é apenas apresentada pela autora, que não se propõe a examinar suas causas. As construções médias se diferenciam das construções reduzidas por manterem o argumento-sujeito que exerce a função de agente no evento. Essas construções são exemplificadas por (24) e (25):

(24) a. Pedro e Ana se separaram.

b. Pedro se separou de Ana.

(25) a. Pedro e Ana se reconciliaram.

b. Pedro se reconciliou com Ana.

O quarto capítulo da dissertação trata da alternância entre a forma simples e a forma descontínua. Para a autora, as duas construções não são sinônimas. Para sustentar sua afirmação, Godoy recupera a argumentação de Dowty (1991), que utiliza exemplos com o verbo *colidir*, mostrando como não há sinonímia entre as formas. A autora também faz uma diferenciação entre os argumentos internos e externos da forma descontínua a partir da teoria de papéis temáticos de

Cançado (2005a). Essa teoria recupera propriedades lexicalmente acarretadas a um argumento predicador. As propriedades relevantes para Cançado são a) ser desencadeador de um processo; b) ser um afetado por esse processo; c) ser ou estar em um determinado estado; e d) ter o controle sobre o desencadeamento, o processo ou o estado. Ao contrário Dowty, que trabalha com uma noção “fuzzy” de papéis temáticos, Cançado assume que essas propriedades são noções discretas (Godoy, 2008, p. 23).

A partir dessa análise, na forma simples existe apenas um argumento para o verbo, que recebe apenas um papel temático. Na forma descontínua, cada argumento recebe um papel temático diferente, pois, segundo a autora, o argumento externo tem um tipo de participação diferente do argumento interno no evento. Veja o exemplo:

(26) Pedro e Ana discordam.

(27) Pedro discorda de Ana.

Em (26), *Pedro* recebe o papel temático de Estativo com Controle (E/C), enquanto *Ana* recebe o papel temático de Estativo (E), sem controle, pois no evento denotado por (27), apenas Pedro tem o controle de discordar ou não.

Nesse capítulo a autora vai então descrever o comportamento temático dos tipos de verbos recíprocos. É importante evidenciar uma ressalva colocada no texto: os papéis temáticos servem apenas para diferenciar o argumento externo do argumento interno na forma descontínua do verbo recíproco, sem ferir o Critério Theta. O objetivo não é explicar a natureza dos recíprocos a partir de sua grade temática, pois essa não apresenta nenhuma regularidade na perspectiva teórica de Cançado (2005a). Para Godoy, a propriedade que define o comportamento dos recíprocos é a “reciprocidade”, que não se relaciona com as propriedades temáticas do verbo.

Sem dúvida, o trabalho de Godoy se mostra de extrema importância como contribuição à descrição do PB. Porém, proporei no capítulo seguinte uma outra

perspectiva de análise do problema, a partir de alguns pontos problematizados aqui.

3 Propostas de tratamento

Neste capítulo do trabalho irei apresentar uma outra proposta de análise para os verbos recíprocos, que chamarei a partir de agora de simétricos. Com este capítulo pretendo demonstrar que a “reciprocidade” se dá por operações na sintaxe. Definirei a classe dos simétricos a partir da teoria de papéis temáticos de Dowty (1991), postulando que os verbos simétricos projetam propriedades temáticas simétricas para os argumentos envolvidos na predicação. Este tratamento se diferencia daquele proposto por Godoy (2008) principalmente porque explica a classe de verbos simétricos a partir da perspectiva de uma teoria de papéis temáticos “fuzzy”, e não através da postulação de uma propriedade lexical responsável pelo comportamento sintático-semântico desses verbos.

Na seção 3.1 apresentarei a análise da forma descontínua dos verbos simétricos. Na seção 3.2 apresentarei a análise da forma simples. Na seção 3.3, apresentarei um refinamento das noções teóricas em relação a esses verbos, baseando-me nas análises propostas pelas seções anteriores, diferenciando *reciprocidade* de *simetria*. E, finalmente, na seção 3.4 proponho uma nova definição do que sejam os verbos simétricos, que os agrupe numa regra que exclua os verbos não-simétricos.

3.1 A forma descontínua

A forma descontínua dos verbos simétricos se caracteriza pela presença de um argumento que “ocupa a posição estrutural dentro da sentença” e um outro “introduzido pela preposição” (Godoy, 2008, p. 34). Ainda, a forma descontínua é descrita por Godoy como assimétrica e não-sinônima da forma simples.

Para explicar fenômenos relacionados à forma descontínua das sentenças com verbos simétricos, utilizarei a teoria de Dowty (1991). Ao adotar uma perspectiva que explica os verbos simétricos a partir de sua grade temática, a forma descontínua se apresenta como ponto chave para essa discussão, pois é na

forma descontínua que revela o problema de atribuição temática que fere o Critério Theta, explicitado na introdução do trabalho.

Descrever o comportamento dos verbos simétricos aponta para a difícil tarefa de se analisar os papéis temáticos atribuídos a cada argumento do verbo desses predicados. Essa tarefa passa pelo obstáculo da ausência de uma listagem que esgote todos os tipos de papéis temáticos possíveis e o comportamento de suas relações. Essa dificuldade foi apontada tanto por Dowty (1991) quanto por Carlson (1998):

This classical theory of roles has never quite been able to produce an exhaustive listing of roles or their names, nor any sure means of distinguishing or identifying them across instances. (Carlson, 1998, p. 36)

Although many linguists seem to assume that linguistic theory should include a finite (and short) language universal canon of thematic roles (...), no one that I know of has ever attempted to propose a complete list. There is disagreement even on the most familiar roles (...). (Dowty, 1991, p. 549)

Dowty (1991) apresenta uma proposta alternativa para uma teoria de atribuição temática e seleção argumental que se baseia em dois proto-papéis temáticos, o proto-papel de agente e o proto-papel de paciente. Segundo ele, esses proto-papéis são caracterizados por um conjunto de propriedades acarretadas pelo verbo. Cada argumento do verbo é caracterizado por um desses proto-papéis, ou pelos dois no caso dos verbos simétricos, variando em graus, de acordo com o número de acarretamentos de cada verbo. As propriedades acarretadas pelos verbos são as seguintes:

Propriedades que contribuem para a posição de Proto-agente:

1. Envolvimento volicional no evento ou no estado.
2. Intenção ou consciência.
3. Causa de um evento ou mudança de estado no outro participante.
4. Movimento relativo à posição do outro participante.
- (5. Existe independentemente do evento nomeado pelo verbo.)

Propriedades que contribuem para a posição de Proto-paciente:

1. Sofre mudança de estado.
2. Tema incremental.
3. Afetado causalmente por outro participante.
4. Estacionário em relação ao movimento do outro participante.
- (5. Não existe independentemente do evento.)

Dowty assume também que se dois argumentos tem aproximadamente um número igual de propriedades de proto-agente ou proto-paciente acarretadas pelo verbo, então esses dois argumentos serão lexicalizados como sujeitos ou objetos. Aqui Dowty abre na sua teoria espaço para o tratamento dos verbos simétricos.

Os verbos simétricos para Dowty acarretam propriedades de agente para os dois argumentos na forma descontínua, ainda que essa atribuição não seja inteiramente simétrica. O participante do evento descrito pelo argumento externo terá sempre as propriedades de proto-agente, enquanto o participante descrito pelo argumento interno pode ou não possuir a propriedade de *volição*, que é a que caracteriza mais fortemente o papel de proto-agente. Veja:

(28) Pedro flertou com Ana.

Sabemos que para que ocorra um flerte, é necessário que haja o envolvimento necessário de dois participantes no evento. Na forma descontínua, os dois participantes estão representados pelos argumentos interno e externo. Porém, enquanto o verbo acarreta para o argumento externo, necessariamente, as propriedades de proto-agente, o participante descrito pelo argumento interno pode ter ou não envolvimento volicional na ação (que é a primeira propriedade que descreve os proto-agentes). Haverá, portanto, sempre uma ambigüidade no argumento interno em relação às propriedades que o verbo acarreta.

Existe ainda um subgrupo de verbos simétricos em que se define a natureza dos seus argumentos em relação à outra propriedade: o movimento. Os verbos são *colidir* e *trombam*. Observe:

- (29) a. O carro e o caminhão colidiram.
b. O carro colidiu com o caminhão.

- (30) a. Pedro e Ana trombaram.
b. Pedro trombou com Ana.

Como se pode observar em (29) e (30), a forma simples atribui o protopapel de agente para os dois participantes do evento, e então, há movimento dos dois participantes descritos no argumento externo. Na forma descontínua o protopapel de agente é atribuído aos dois argumentos, externo e interno, mas apenas o argumento externo possui necessariamente a propriedade de movimento. Então, *o caminhão* e *Ana* são argumentos que possuem características de sujeito-agente, mas não necessariamente apresentam a propriedade do movimento.

Essas explicações dão conta de explicar a não-sinonímia entre a forma simples e a forma descontínua. Na forma simples, os dois participantes possuem envolvimento volicional ou de movimento na ação, já que os participantes estão descritos por argumento só e os acarretamentos do verbo se dão para o argumento e não para os participantes do evento. E na forma descontínua, haverá sempre uma ambigüidade em relação às propriedades de volição e movimento para o argumento interno.

3.2 A forma simples

Conforme apresentado em Godoy (2008), a forma simples dos verbos simétricos se caracteriza pela existência de um argumento que denote sujeito plural na posição de argumento externo. Este argumento pode ser algo como “o casal” ou “Pedro e Ana”.

Para Godoy, a forma simples é a que evidencia que existe a propriedade lexical da reciprocidade, pois os verbos lexicalmente recíprocos não se utilizariam de nenhum recurso sintático para denotar um evento recíproco. É

proposta ainda que a forma simples acarreta as formas descontínuas. Retomemos aqui essa discussão:

(31) a. Pedro e Ana saíram.

b. Pedro saiu com Ana.

c. Ana saiu com Pedro.

(32) a. Pedro e Ana flertaram.

b. Pedro flertou com Ana.

c. Ana flertou com Pedro.

O verbo em (32) é considerado recíproco e o verbo em (31) não. No entanto, os dois permitem a alternância entre a forma simples e descontínua. Segundo Godoy, a diferença entre eles é que (32)a acarretaria as formas descontínuas em (32)b e (32)c, e (31)a não acarreta as formas em (31)b e (31)c.

Vejam, no entanto, a definição de acarretamento:

O acarretamento é uma noção lógica aplicada ao estudo do significado nas línguas naturais e traduz uma relação entre sentenças. Se a informação de uma sentença (b) está contida na informação de uma sentença (a), ou, dizendo de outro modo, se a sentença (b) é necessariamente verdadeira apenas por saber que (a) é verdade, então dizemos que (a) acarreta (b). (Godoy, 2008, p. 35)

Logo, se a partir de (32a) podemos ter uma interpretação em que Pedro e Ana flertaram cada um com uma pessoa diferente (ou com várias pessoas), não há entre (32a) e (32b-c), uma relação de acarretamento. (32a) acarreta apenas que *Pedro flertou* e que *Ana flertou*, e não necessariamente que eles flertaram um com o outro.

Portanto, sentenças como (32a) denotam uma pluralidade de eventos. Nesse tipo de sentença há a ambigüidade descrita por Lyons (1977) como referência coletiva x referência distributiva.

(33) Aqueles livros custam 100 reais.

Para (33), pode-se ter duas leituras: uma coletiva, em que todos os livros juntos custam 100 reais; e outra distributiva, em que cada um dos livros custa 100 reais. O mesmo ocorre em (32a): pode-se ter uma leitura em que Pedro e Ana flertaram um com o outro e uma leitura em que cada um flertou separadamente.

Esses dados nos levam à conclusão de que as sentenças com verbos simétricos na forma simples possuem uma leitura ambígua, podendo denotar um ou mais eventos. É importante ressaltar que esse comportamento se aplica a predicções com sujeito plural em geral, e, portanto não é exclusividade dos verbos simétricos. Com os verbos simétricos, no entanto, há uma particularidade: se (32a) denota apenas um evento, os participantes estão descritos na sentença, mas se denota mais de um evento, um dos agentes de cada evento está explícito e o outro implícito, necessariamente, pois os eventos simétricos necessitam de dois participantes para acontecer, ao contrário dos outros verbos.

Vejamos alguns testes que demonstram que as construções na forma simples possuem duas leituras distintas:

- (34) a. Pedro e Ana lutaram.
- b. Pedro e Ana noivaram.
- c. Pedro e Ana prosearam.

- (35) a. Pedro e Ana lutaram um com o outro.
- b. Pedro e Ana noivaram um com o outro.
- c. Pedro e Ana prosearam um com o outro.

- (36) a. Pedro e Ana lutaram cada um por 5 minutos.
- b. Pedro e Ana noivaram cada um em uma semana.
- c. Pedro e Ana prosearam cada um com seu parceiro sobre o espetáculo.

Há ainda uma importante evidência que mostra que os verbos simétricos podem aparecer em construções em que o outro participante do evento não está explícito na sentença:

(37) Pedro lutou ontem.

(38) Ana noivou ontem.

(39) A velha proseou a tarde inteira ontem.

Se todos os participantes de um evento simétrico tivessem obrigatoriamente que estar explícitos na sentença, os exemplos em (37), (38) e (39) seriam agramaticais. Essa evidência reforça a tese de que em sentenças como *Pedro e Ana noivaram*, pode-se ter um participante implícito para cada evento, se lermos a sentença com uma leitura distributiva.

Há ainda um outro tipo de ambigüidade que envolve essas sentenças: o uso do clítico SE. Observe-se:

(40) Pedro e Ana casaram.

(41) Pedro e Ana se casaram.

Em (40) temos uma sentença com verbo simétrico na forma simples, com uma leitura ambígua. Em (41) há também uma leitura ambígua, mas de outra natureza. Nesse caso a ambigüidade se dá por causa do clítico SE, que segundo Maslova (2007 apud Godoy, 2008) pode expressar tanto reflexividade quanto reciprocidade. As duas construções serem potencialmente ambíguas explicaria o uso intercambiável e opcional do SE, que tem sumido em alguns dialetos do português.

3.3 Reciprocidade ou simetria?

Demonstrou-se em 3.1 e 3.2 algumas características dos verbos simétricos que apontam na direção de ambigüidades. Há uma ambigüidade na forma

descontínua em relação à volição ou movimento do participante descrito pelo argumento interno. E na forma simples há a ambigüidade entre uma leitura coletiva – e simétrica – do evento e uma leitura distributiva e plural. As considerações apresentadas valem também para os verbos simétricos transitivos que denotam simetria no argumento externo, mas não para aqueles que denotam simetria no argumento interno. Essa exceção será explicada mais adiante.

Nesta seção do texto, baseando-me no que foi formulado nas seções anteriores procuro diferenciar *simetria* de *reciprocidade*.

Godoy postula que existem no PB duas formas de denotar reciprocidade: sintática e semanticamente, conforme explicitado no capítulo anterior. O que se observa nas sentenças é que mesmo quando os recursos composicionais de expressão de reciprocidade são usados com verbos supostamente lexicalmente recíprocos, não percebemos qualquer redundância. Ou seja, se a denotação de um evento recíproco se dá já no nível lexical, por que a língua se utilizaria de recursos outros para denotar a reciprocidade com esses verbos? Veja os exemplos:

(42) Pedro e Ana flertaram um com o outro.

(43) Pedro e Paulo lutaram um com o outro.

(44) O pessoal do escritório se confraternizou ontem.

(45) As irmãs brigaram entre si.

(46) Pedro e Ana transaram um com o outro.

Baseando-me nessas evidências, concluo que a reciprocidade se dá composicionalmente. No léxico do verbo, ao invés de reciprocidade, tem-se a projeção simétrica de propriedades para dois participantes do evento que formam construções ambíguas, que podem ser desambigüizadas composicionalmente ou pela pragmática.

Assim, o tratamento para sentenças simétricas no argumento interno ficaria mais interessante. Não é possível dizer que (47) é ambígua, porque a ambigüidade de leituras coletiva x distributiva ocorre apenas quando há sujeito

plural. Porém parece estranho assumir que há reciprocidade entre *leite* e *chocolate em pó*, se eles não possuem agentividade. Parece mais intuitivo postular que há uma simetria de papéis temáticos de paciente projetados para os argumentos. Dessa forma, mantêm-se inclusive as análises de Dowty (1991) para a forma descontínua.

(47) a. Ana misturou o leite e o chocolate em pó.

b. Ana misturou o leite com o chocolate em pó.

Em (47a), os participantes possuem as mesmas propriedades temáticas acarretadas pelo verbo, já que estão descritos por um único argumento. Em (47b) há uma ambigüidade: o argumento introduzido pela preposição parece possuir mais propriedades de paciente que o argumento interno direto. Então, o argumento em relação ao qual haverá uma ambigüidade é o argumento interno direto. A ambigüidade se dará pela propriedade dos proto-pacientes de serem estacionários em relação ao movimento do outro participante. O argumento interno indireto será sempre estacionário, enquanto o argumento interno direto pode ser estacionário ou não em relação ao outro participante. Esse tratamento dá conta do que Godoy postula como papel temático “Afetado indiretamente”, sem ter se que fazer nenhum contorcionismo teórico para dar conta dessa característica das construções com verbos simétricos que denotam simetria no argumento interno, em sua forma descontínua.

3.4 Uma nova definição

Resta ainda uma questão a ser tratada: como se justificaria a existência de uma classe de verbos recíprocos se tanto no nível sintático (a alternância entre a forma simples e descontínua), quanto no nível semântico (a falta de relação de acarretamento entre as formas) os verbos recíprocos se comportam como outros verbos?

Uma definição apropriada dos verbos simétricos é a que define a natureza dos eventos denotados por esses verbos, que por sua vez restringe aspectos gramaticais do funcionamento desses verbos. Observemos os exemplos a seguir:

- (48) a. Pedro e Ana jantaram.
b. Pedro jantou com Ana.
c. Ana jantou com Pedro.

- (49) a. Pedro e Ana duelaram.
b. Pedro duelou com Ana.
c. Ana duelou com Pedro.

- (50) a. Pedro e Ana negociaram o apartamento.
b. Pedro negociou o apartamento com Ana.
c. Ana negociou o apartamento com Pedro.

- (51) a. Pedro juntou as roupas claras e as roupas escuras na máquina.
b. Pedro juntou as roupas claras com as roupas escuras na máquina.
c. Pedro juntou as roupas escuras com as roupas claras na máquina.

Já havia sido demonstrado que a alternância entre as formas simples e descontínua não era exclusividade dos verbos simétricos. Também foi demonstrado que as sentenças na forma simples não acarretam as sentenças da forma descontínua, assim como os verbos não simétricos. Então qual a característica comum que apenas os verbos simétricos compartilham que permite que os diferenciemos dos outros e os agrupemos em uma classe?

Essa característica em comum é a necessidade de envolvimento de dois participantes na ação, estando os dois ou apenas um deles explícitos nas sentenças. Para os verbos intransitivos e para os transitivos que denotam reciprocidade no argumento externo, esses dois participantes irão compartilhar as propriedades de Proto-agente, acarretadas pelo verbo. No caso dos verbos

simétricos intransitivos que denotam reciprocidade no argumento interno, os participante irão compartilhar as propriedades de Proto-paciente. O teste a seguir comprova a nossa intuição.

(52) a. Pedro jantou com Ana.

b. Pedro jantou sozinho.

(53) a. Pedro duelo com Ana.

b. ??? Pedro duelou sozinho.

(54) a. Pedro negociou o apartamento com Ana.

b. ??? Pedro negociou o apartamento sozinho.

(55) a. Pedro misturou a calça com a blusa branca na máquina.

b. *Pedro misturou só a calça na máquina.

Em verbos não-simétricos construções como (52a) indicam apenas companhia e não simetria. Já em verbos simétricos, não se pode conceber o evento sem que haja dois participantes envolvidos. Ainda, para serem simétricos, esses dois participante precisam possuir as propriedades de um mesmo proto-papel temático simetricamente, seja ele o de agente ou o de paciente.

4 Conclusão

A partir das considerações apresentadas neste trabalho, procurei elucidar questões que envolvem os verbos simétricos e o seu comportamento no PB. A partir das formulações de Godoy (2008), problematizou-se alguns pontos do tratamento dos verbos simétricos na literatura, procurando oferecer uma alternativa de análise que, ao contrário do que é afirmado pela autora, trate a reciprocidade como um fenômeno composicional. Foi proposta ainda uma perspectiva teórica baseada numa noção “fuzzy” de papéis temáticos que explica a simetria dos verbos. Segundo o que foi proposto, os verbos simétricos acarretam para os seus argumentos propriedades dos proto-papéis temáticos simetricamente. Ou seja, o verbo projeta características de agente ou paciente para dois participantes do evento, estejam eles agrupados num único argumento ou cada um em um argumento diferente.

Ainda, elucidou-se as ambigüidades acarretadas pelas formas simples e descontínua. Na forma simples há a ambigüidade entre uma leitura coletiva e outra leitura distributiva. Na forma descontínua há ambigüidade em relação à propriedade da volição, que pode ou não caracterizar o participante descrito no argumento externo.

Por fim, procurou-se dar uma definição para os verbos simétricos que melhor os caracterize e diferencie dos outros verbos, apesar dos comportamentos sintáticos semelhantes.

Evidentemente restam algumas lacunas a serem resolvidas em trabalhos futuros. Uma delas é o tratamento dos verbos estativos, que não apresentam a ambigüidade de leitura na forma simples.

Um outro aspecto a ser tratado é a restrição lexical desses verbos em relação aos verbos chamados accomplishments. Parece não poder haver simetria de papel temático com esses verbos.

Uma outra importante questão que merece um detalhado estudo analítico é a existência de graus de simetria. Dowty se apóia numa noção de protótipo de papel temático, e assume que um argumento pode possuir um ou mais

propriedades acarretadas pelo verbo e que o número de propriedades definirá se um argumento é mais ou menos prototípico em relação ao proto-papel temático. Isso parece sugerir que haverá também graus de simetria, dependendo de quantas propriedades os argumentos compartilham simetricamente.

Enfim, procurou-se com esse trabalho esclarecer a questão dos verbos simétricos, mas ainda resta muito trabalho a fazer.

Referências

Carlson. G. (1998). *Thematic Roles and Individuation of Events*. Events and Grammar. Ogs. Rothstein, S. Kluwer.

Cançado, M. (2005a). *Propriedades semânticas e posições argumentais*. DELTA, v. 21, n. 1, p. 23 – 56.

Chomsky, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*, Foris, Dordrecht.

Dowty, D. (1991). Thematic Roles and Argument Selection. *Language* 67: 547-619.

Godoy, L. (2008). *Os verbos recíprocos no PB: interface sintaxe-semântica lexical*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte.

Lyons, J. (1977). *Semântica*. Lisboa, Portugal: Editorial Presença, vol 1.